

JESUS E O CENTURIÃO ROMANO

Por: **Ery Lopes**

“Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e meu servo será curado!”.

MATEUS, 8:8

Nos tempos em que o Império de Roma vigorava, havia em Cafarnaum, na Palestina, um centurião romano que se distinguia dos seus colegas militares pelo gosto apurado às artes e à sabedoria, e quem, particularmente, conservava uma vaidade: o desejo de que fosse imortalizado pelos seus poemas.

Seu nome: Marcus Lucius.

“Prometo a ti, minha mãe: o mundo inteiro ainda reproduzirá os versos deste centurião!” – jurou ele, certa vez, à sua progenitora.

Todavia, seus versos, embora não fossem de tudo desprovido de certa beleza, não continham o encanto natural dos grandes mestres, especialmente os poetas helenos, que sobejamente arrebatava os ouvintes ao êxtase.

Conhecendo as capacidades daqueles gregos, o centurião despendeu então de grande quantia na aquisição de um desses jovens aedos, dispostos à venda nos mercados, com o intento de lhe arrancar os segredos das magistrais composições.

Afeiçoou-se àquele servo, de tal maneira a zelá-lo como a um filho, não obstante o fracasso dos esforços de ambos em promover as composições do romano. O centurião aprendera então que o talento é um patrimônio não comercializável, e já mesmo se conformara em ser um mero apreciador dos dotes artísticos do cantador da Grécia, aposentando de vez aquela pretensão pueril de tornar-se um célebre poeta.

Eis, porém que seu criado cai acometido de grave paralisia, violentamente atormentado por uma enfermidade que lhe prenunciava a morte prematura. É preciso dizer ainda que aquela melancolia que o derrubou tinha origem emocional, por ele não ter conseguido transportar suas aptidões artísticas ao seu amo, o centurião.

Aturdido, o militar vai atrás de todos os recursos curadores, ainda que consciente das remotas chances de salvação.

O centurião ouviu falar de um certo profeta nazareno, que, conforme muito se comentava, era dotado de poderes milagrosos nunca vistos antes. Seria uma possibilidade viável, não fosse o romano muito fiel às crenças de seu povo. Mas os deuses a quem recorrera não lhes corresponderam e seu servo definhava mais a cada dia.

O centurião rebaixou-se. Foi ao encontro do Rabi e, humilde, lhe reclamou auxílio por seu empregado.

Préstimo, o Cristo se propõe visitar a morada do romano para levar a cura ao artista grego. Nesse instante, o centurião, comovido, enche-se de emoção – tal qual é o gozo dos sublimes mestres das artes elevadas – e declama, ainda que despretensiosamente, os versos que, finalmente, o tornariam imortal, e que doravante seriam reproduzidos pelos quatro cantos do globo, como uma excelsa oração de humildade:

“Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e meu servo será curado!”

Sua mãe, toda a espiritualidade e o próprio Jesus se maravilharam com aquela oração.

E na mesma hora, o criado do centurião ficou curado.

* * *

Importa-nos, agora, compreendermos o mecanismo daquela cura – a do poeta grego: Atualmente todos sabemos a influência magnética que uma pessoa pode exercer sobre outra – positiva ou negativamente. Naturalmente por seu mais sensível – que é uma condição do artista –, foi aquele grego que ficou sobrecarregado dos fluidos pesados, provenientes das tormentas íntimas de seu patrão. Esta a causa da sua enfermidade.

Quando o centurião encontrou-se com Jesus, provocou uma série de revoluções em seu íntimo. O romano vivia uma dicotomia: tinha certa sensibilidade, refletida no seu gosto à Filosofia, entretanto, por ser um oficial militar, era instruído à ação bruta, à frieza e à obediência irracional, para demonstrar autoridade e virilidade. Por isso seus poemas eram tímidos, pois não cabia bem a um soldado revelar-se demasiado emotivo, o que seria um flagrante de fraqueza – não à toa os poetas eram pejorativamente taxados de afeminados.

O centurião havia estudado com seu servo grego as técnicas mnemônicas, enriquecimento de verbetes e associações de rimas, para a formatação clássica dos versos, porém, sem os liames da emoção, a poesia não passa de um simples jogo de palavras.

Aconteceu que, diante do Messias, Marcus Lucius compreendeu que a verdadeira autoridade e a nobreza não se faziam pelos músculos e pela espada, pois aquele Galileu as tinha com naturalidade. Naquele dia, ele cedeu aos impulsos da emotividade e deixou sua alma falar sem interferências – assim como fazem os poetas. Ali, ele falou como um poeta genuíno que era.

O seu magnetismo emulou-se com o de Jesus libertando-o dos fluidos negativos que o emoldurava, refletindo também no seu servo. Uma vez dissipada a causa da enfermidade, os efeitos enfermicos igualmente desapareceram e o cantor grego ficou curado.

* * *

Toda a vida de Jesus – cada passo, cada gesto, cada palavra – é um profundo e revolucionário ensinamento. Não apenas para aquele que lhe foi ao encontro, mas também para todos, em qualquer tempo e lugar. E aquele encontro – do Messias com o Centurião – é um exemplo concreto de que todos os desejos sinceros de promover o bem, o belo e o justo são plenamente realizáveis quando levados Àquele a quem o Pai Celestial designou como modelo e guia para a Humanidade.

O poema de Marcus Lucius também é uma oração de fé, justificada pela conjunção que ele mesmo fizera, cuja interpretação lançamos assim:

“Eu sou um oficial, tenho sob meu comando muitos soldados e estou habituado a dar ordens e ser obedecido. Os meus soldados me respeitam mesmo quando não estou presente. Se sabem que é uma ordem minha, a executam. Creio em Teu poder, profeta de Nazaré. Tu és o Senhor das leis orgânicas que regem o corpo humano. Não se faz necessário que entres sob meu teto. Basta que dês uma ordem e a moléstia abandonará o corpo de meu servo, restituindo-lhe a saúde”.

Deixo-vos uma reflexão:

Quais os nossos íntimos anseios? Eles são bons, belos e justos?

Passados por esse crivo, então levemos ao Mestre Jesus e confiemos: eles serão plenamente realizados – aquele que pedimos e aqueles que intimamente ocultamos! E foi o próprio Cristo quem nos autorizou procurá-lo, quando exprimiu: “Vinde a mim, vós que estais cansados e sobrecarregados, que eu vos aliviarei”.